

CALIBRANDO O USO DA FORÇA

The New York Times

O Estado de S. Paulo, 23 de setembro, 2001.

Nova York e Washington visavam não apenas a matar civis americanos, mas também a forçar os Estados Unidos a uma resposta militar indiscriminada e brutal que poderia atrair muçulmanos de todo o mundo para a causa dos extremistas.

O presidente Bush parece compreender este perigo, mas com a febre de guerra crescendo em Washington e alguns de seus assessores recomendando uma campanha militar em várias frentes, ele precisa traçar um plano de batalha calculado e preciso.

A questão não é apenas se os Estados Unidos devem responder com força e decisão a esses ataques homicidas. Com a possibilidade de cerca de 6 mil civis terem morrido no atentado ao World Trade Center, a América tem todo o direito de atacar os responsáveis, sejam quem forem. Mas ao fazer isso, Washington precisa estar atenta ao selecionar alvos e prever as conseqüências políticas que essas operações militares devem produzir no mundo islâmico. O resultado da guerra contra o terrorismo deve ser a erradicação, ou pelo menos sua contenção, e não a criação de uma nova onda de hostilidade contra os EUA.

Bush reconhece claramente a necessidade de uma abordagem da situação em bases amplas. Ela deve ser de alcance tão amplo quanto ele sugeriu na quinta-feira à noite, quando falou em dirigir "todas as disponibilidades a nosso comando - todos os meios de diplomacia, todas as ferramentas de inteligência, todos os instrumentos de aplicação da lei, toda a influência financeira e todas as armas de guerra necessárias - para romper e derrotar a rede mundial de terror". Os aspectos diplomáticos, de informações e de execução da lei da política americana devem ser tão importantes quanto o componente militar, talvez até mais.

O ponto mais delicado, porém, será o uso da força. Washington precisa se proteger da percepção generalizada no exterior de que a guerra contra o terrorismo é simplesmente uma outra forma de arrogância americana ou mesmo a expansão forçada da globalização a nações que já se ressentem da expansão da cultura e comércio ocidentais.

Essas interpretações podem parecer ilógicas e improváveis para os americanos, mas são bastante possíveis em muitos dos países onde as operações de guerra podem em breve começar.

Bush considera no momento duas diferentes variáveis em uma guerra contra o terrorismo. Uma seria visar a pessoas e países ligados aos ataques de 11 de setembro, uma

lista que até agora parece limitada à rede terrorista de Osama bin Laden, a Al-Qaeda, e ao governo taleban do Afeganistão que lhe dá santuário. A outra seria estender a luta a países mais amplamente ligados ao terrorismo internacional, incluindo possivelmente o Iraque.

A política mais sensata por enquanto - e a que Bush parece preferir como primeira fase - é limitar a retaliação a grupos terroristas e governos que Washington pode demonstrar terem tido cumplicidade nos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono. Para garantir apoio internacional a sua campanha, os Estados Unidos deveriam primeiro apresentar publicamente seu caso para o mundo, oferecendo provas concretas baseadas em investigações e inteligência de que os alvos que escolheu são apropriados. A administração Reagan trouxe o mundo para seu lado em 1983 quando apresentou evidências às Nações Unidas de que aviões soviéticos haviam destruído um avião de passageiros sul-coreano que se tinha perdido sobre território russo.

Quando Bush ordenar às forças americanas que entrem em ação, o ataque deve se restringir ao alvo. Se o objetivo for capturar Bin Laden no interior do Afeganistão, ou destruir campos de treinamento ali, Bush não precisa necessariamente bombardear Cabul. Se a meta for também afastar os líderes talebans do poder, o Pentágono deve traçar uma estratégia que poupe civis e não exija a ocupação da capital afegã por forças americanas. A administração tem em perspectiva vários parceiros, incluindo membros da Otan, Rússia, China e Índia. Sensatamente, reconheceu a importância de incluir grandes nações muçulmanas como Paquistão, Indonésia e Arábia Saudita na coalizão antiterrorista. A rede de Osama bin Laden tem atividades em 60 países, a maioria com grandes populações muçulmanas. A cooperação com os governos desses países será crucial para localizar e prender terroristas e desbaratar seus sistemas de comunicação e finanças. A América está travando um novo tipo de guerra contra um novo tipo de inimigo. Meios militares, apenas, não garantirão o sucesso.